



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

DOS PRAZERES ÀS INTERDIÇÕES URBANAS: IMAGENS SENSÍVEIS DE SÃO PAULO NOS CONTOS DE MÁRIO DE ANDRADE

FROM ENJOYMENT TO URBAN INTERDICTION: SENSIBLE IMAGES OF SÃO PAULO IN MÁRIO DE ANDRADE'S STORIES

Thainã Teixeira Cardinalli
Universidade Estadual de Campinas
thainacardinalli@gmail.com

Resumo

Investigo neste artigo os contos "Primeiro de Maio" e "Atrás da Catedral de Ruão", que compõem o livro *Contos Novos* (1947) de Mário de Andrade. Ambas as narrativas retratam a cidade de São Paulo por entre os conflitos pessoais e profissionais das personagens, um carregador de malas da Estação da Luz e uma professora de francês, respectivamente. São histórias que ao descreverem determinados lugares e situações urbanas vivenciadas na capital paulista, revelam a estreita relação entre os contos do literato e os discursos políticos, produções literárias e debates urbanísticos difundidos na primeira metade do século XX em São Paulo.

Palavras-chave

Mário de Andrade. Contos. São Paulo (história).

Abstract

The objective of this article is to investigate the stories "Primeiro de Maio" and "Atrás da Catedral de Ruão", present in Mario de Andrade's Contos Novos (1947). Both narratives portray São Paulo by the personal and professional conflicts of their respective characters, a bag loader working at Estação da Luz and a french language teacher. As these stories depict certain places and urban situations, they reveal the narrow relation between the written tales and the political discourses, literary productions and urbanistic debates widespread in the first half of the twentieth century, in São Paulo.

Keywords

Mario de Andrade. Stories. São Paulo (history).



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavra a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura.

Roland Barthes, *O rumor da língua*, 1968

Ao destacar esse trecho de Roland Barthes que compõem o texto intitulado *A morte do autor*, compartilho das reflexões incitadas pelas historiadoras VÍrginia Camilotti e Márcia Naxara. No artigo *História e Literatura* (2009) onde recuperam esta citação, propõem acompanhar os estudos historiográficos, sobretudo os desenvolvidos no Brasil ao longo do século XX que utilizaram da fonte literária na construção do conhecimento histórico. Neste percurso notaram a incidência de dois modos diferentes de tratar o “literário”: como um espaço privilegiado no qual os historiadores poderiam observar os processos históricos; ou, por outro lado, a partir de suas “múltiplas perspectivas”. Recorrer a pluralidade de representações, percepções, temporalidades e imaginários inscritos no “literário”, abriria inúmeras possibilidades de diálogos entre os textos ficcionais e “outros discursos (literários ou não), que lhe são contemporâneos ou que se atualizam no próprio ato de escritura, tornando-se deles contemporâneos” (CAMIOTTI e NAXARA, 2009, p. 43). Tal proposição investigativa nos aproximaria das palavras de Barthes citadas acima, que compreendem os textos como um conjunto de culturas, saberes, conhecimentos e, conforme complementa as historiadoras, de alteridades que se presentificam na escrita.

Camilotti e Naxara ao discorrem sobre este segundo modo de tratar o “literário”, se indagam se a partir dele os historiadores poderiam acessar, ou, nas suas palavras, “exemplificar ou ilustrar a história”. Com o auxílio do historiador Peter Gay, *n’O estilo na História* (1990), entendem que não existe uma única história ou forma de narrá-la, muito menos, que a literatura pudesse ser um recurso capaz de revelar todos seus meandros. A obra literária, pelo contrário, incita seus teóricos a pensarem novas e/ou diversas possibilidades interpretativas sobre os eventos passados (2009, p. 44). Nesse sentido, a literatura e mais, os distintos conjuntos documentais serviriam de instrumento para os historiadores investigarem um problema bem como tecerem relações com outros discursos e temporalidades.

Se os apontamentos de ambas as historiadoras assim como a citação de Barthes me conduzem a um caminho provocativo, crítico e perscrutador em relação aos textos literários; parto então dele para me aproximar dos escritos de Mário de Andrade (1893-1945), em



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

específico, das suas narrativas que retratam a cidade de São Paulo. À trajetória do poeta, musicólogo, crítico de arte, escritor e ensaísta, associa-se estreitamente a capital paulista. São Paulo, além de ter sido o lugar em que Mário nasceu, cresceu e morou grande parte de sua vida, tornou-se personagem e/ou cenário de suas produções escritas, como, da mesma forma, foi o espaço onde atuou politicamente quando esteve na chefia do Departamento de Cultura do município entre 1935 e 1938.

Imagens de São Paulo e de seus habitantes podem ser acompanhadas desde as obras elaboradas no início da carreira de Mário de Andrade como o famoso livro de poemas *Paulicéia Desvairada* (1922). Nele, o autor transforma a cidade em personagem e a descreve em versos que carregam novos recursos estilísticos. Para além das mudanças na composição das narrativas, destaco alguns temas e/ou eixos que caracterizam a cidade: a presença de imigrantes (“Costureirinha de São Paulo,/itálo-franco-luso-brasílico-saxônica,/gosto dos teus ardores crespulares,/crespulares e por isso mais ardentes,/bandeirantemente!”); a expansão espacial (“Alturas da Avenida. Bonde 3./Asfaltos. Vastos, altos repuxos de poeira sob o arlequinal do céu oiro-rosa-verde.../As sujidades implexas do urbanismo”); o desenvolvimento dos equipamentos urbanos (“E os bondes passam como um fogo de artifício, sapateando nos trilhos, ferindo um orifício na treva cor de cal”); e por fim, a comparação com as metrópoles europeias, Paris e Londres (“Estes meus parques do Anhangabaú ou de Paris”; “Minha Londres das neblinas finas!”) (ANDRADE, 1986, p. 17-76). Poderia, do mesmo modo, percorrer outras produções literárias de Mário de Andrade que se referem à São Paulo. A historiadora Mônica R. Schpun, no artigo *Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade)* (2003), analisou nas obras do poeta de que forma a cidade era construída por meio das noções em destaque naquele período, tais quais a de progresso, riqueza, modernidade, velocidade e urbanização. Desse modo, nos poemas de *Paulicéia Desvairada*, *A Costela do Grão Cão* (1924) e *Losango Cáqui* (1926) e no romance *Macunaíma* (1928), é possível observar a incidência de determinados temas: bandeirantes, a derrota na Revolução Constitucionalista de 1932, desigualdades sociais, transformações urbanas e diversidade de grupos étnicos.

As obras de Mário de Andrade seriam portanto um *locus* privilegiado para os historiadores acompanharem as mudanças na cidade desde o começo do século XX até meados da década de 1940. Ora, se pretendo pensar nos textos literários “como um tecido de citações” ou como uma fonte que incita “um esforço de captação – de deslindamento e estabelecimento de relações – dos múltiplos focos que as compõem” (CAMILOTTI e NAXARA, 2009, p.44); então ao invés de observar como as obras de Mário de Andrade revelam São



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

Paulo e seus processos sociais, proponho estudar o que elas *incitam e projetam* sobre a cidade bem como seus *diálogos com* outros discursos e imaginários comuns. Para elaborar tal proposição neste artigo, trago dois contos de Mário de Andrade, “Atrás da Catedral de Ruão” e “Primeiro de Maio”; produções sobre as quais me detive ao longo da pesquisa de mestrado.

Ambas as narrativas integram o livro póstumo intitulado *Contos Novos* (1947) e narram um evento atípico na vida das personagens, uma professora de francês e um carregador de malas da Estação da Luz, respectivamente. As situações inusitadas que marcam cada enredo são enunciadas nos títulos: a trama da personagem 35, o funcionário da Estação, se desenvolve no decorrer das comemorações do dia do trabalhador; por sua vez, o conto, cuja personagem é Mademoiselle, descreve as tentativas da professora de saciar seus desejos sexuais com amantes desconhecidos que se encontravam atrás das catedrais. São contos que interessam às minhas investigações pois os conflitos dos protagonistas se desenvolvem *na* bem como *a partir do encontro com* a cidade de São Paulo. Tanto 35 quanto Mademoiselle não têm nomes próprios, apenas são identificados em relação a função que exercem. Suas trajetórias de vida estabelecem os vínculos que dispõem com o espaço, assim como remontam uma cidade entrelaçada aos seus desejos individuais, atividades profissionais e itinerários cotidianos. Com essas personagens, Mário de Andrade cria então uma cidade libidinosa, perversa, interdita a determinados indivíduos e repleta de confrontos sociais e políticos. Caracterizações de São Paulo que, aliás, vão ao encontro das experiências profissionais do autor tanto quanto de outros debates em curso neste momento.

I

Anne Cauquelin, filósofa francesa, interessada em entender como o espaço urbano orienta as práticas e representações dos indivíduos, tece no seu livro *Essai de philosophie urbaine* (1982) instigantes enfrentamentos acerca das cidades. Delimita, primeiramente, que compreenderá o espaço urbano, não a partir dos limites geográficos ou administrativos, mas sim, por meio das *mémoires constitutantes* (memórias constituintes). Acompanhar o funcionamento destas memórias, isto é, a “doxa”, a opinião “urbana, vagabunda, alterável, variável que transporta os fragmentos de lembranças tanto históricas quanto pessoais”¹, na constituição do espaço urbano, é um dos objetivos da autora. Entende que as cidades acumulam, ao longo do tempo, finas películas de conhecimentos, aprendizados, experiências, saberes e imaginários, os quais se interpõem às percepções dos habitantes. A passagem do

¹ Tradução livre do trecho: “la doxa’ urbaine, vagabonde, altérable, changeante, transportant les bribes de souvenir tant historiques que personnels” e ainda acrescenta a filósofa, “intimement mêlé à l’écoute et à l’écrit, au monument qui atteste (mais quoi? on l’a oblié) et aux mœurs.” (1982, p. 20.)



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

tempo representa aqui um papel importante na composição e na conservação das “opiniões” urbanas. Se as *mémoires constituintes* e o tempo são, ao seu ver, fundamentais para o entendimento das cidades, seria possível afirmar, do mesmo modo, que tanto os indivíduos que habitam os centros urbanos quanto os que estudam, pensam e projetam estes espaços **partilham** de um fundo comum de histórias, fábulas, mitos de origem, lendas e vivências (CAUQUELIN, 1982, p. 8).

As cidades constituem-se por meio de uma densa teia de saberes, a qual não se limita somente aos preceitos técnicos estudados, exaustivamente, pelos arquitetos-urbanistas. A fim de exemplificar suas assertivas, Cauquelin recorda-se dos dez tratados elaborados por Vitruvius, quase 20 séculos atrás, sob o título *De Architectura*. Tratam, nas suas palavras, “sucessivamente, e quase [que] simultaneamente”, de filosofia, etnologia, música, matemática e gnosticismo (1982, p.15). Estes tratados se observados pelos leitores contemporâneos causariam, conjectura a filósofa, estranhezas; se indagariam, por exemplo, se seriam necessários os estudos do autor a respeito das escalas musicais, religião, astrologia, trajetória do sol, posição das estrelas, orientação do vento ou ainda, do voo dos pássaros para compreender as estruturas arquitetônicas greco-romanas. A abrangência dos campos disciplinares atuantes nas leituras de Vitruvius sobre as edificações e o trabalho dos construtores lhe auxilia a explicitar que a arquitetura dialoga com os saberes científicos, mas também com o universo mental, místico, religioso e artístico da sociedade. Tal análise pode estender-se para a observação das cidades assim como para repensar a divisão e, sobretudo, a hierarquização entre os discursos especializados e aqueles formulados pelos habitantes urbanos.

Se as finas películas de conhecimentos estão intimamente entrelaçadas à constituição das cidades bem como às percepções dos indivíduos, por vezes, sendo impossível identificar suas origens e extensões, de que maneira então poderíamos decifrá-las. Ou melhor, por meio de qual registro, relatos memorialísticos, trajetórias profissionais, narrativas literárias, reportagens jornalísticas, relatórios científicos ou projetos urbanísticos, conseguiríamos desvendá-las? Para Cauquelin, todos estes discursos partilham dos mesmos códigos, hábitos, vontades e saberes técnicos vigentes na sociedade, logo ao estudá-los pode-se apreender as fragmentadas experiências urbanas sedimentadas no decorrer dos anos nas cidades. São discursos, continua a autora, que se formam a partir do “stock de opiniões urbanas”, e, concomitantemente, contribuem para a criação de suportes imagéticos que orientam a nossa forma de visualizar, perceber e vivenciar as cidades. Paris, ao seu ver, tem aparência atual devido as mudanças de Haussmann no século XIX tanto quanto aos romances de Zola, Balzac



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

e Maupassant, que construíram no imaginário urbano, espaços de lazer e de trabalho assim como lugares decadentes e de prostituição, e outros destinados a classe abastarda.

Nas proposições de A. Cauquelin, encontro mais duas entradas analíticas que me auxiliam na elaboração da proposta investigativa deste artigo acerca das produções ficcionais de Mário de Andrade: compreendê-las em diálogo com outros textos literários, políticos e urbanísticos da primeira metade do século XX, de modo a acompanhar quais construções imagéticas e identitárias de São Paulo tangenciam as representações da cidade elaboradas pelo autor; por outro lado, entender a importância das suas imagens literárias na constituição do “stock de opiniões comuns” sobre a capital paulista. A fim de avançar nestas proposições metodológicas, começo minha incursão pelo conto “Atrás da Catedral de Ruão” que narra a história de Mademoiselle, a tutora de francês de duas jovens alunas, Alba e Lúcia.

Após uma longa viagem pela Europa, as adolescentes retornam a São Paulo e aos estudos de francês com a educadora. Logo na primeira aula, Mademoiselle se interessa em saber os detalhes da viagem, incitando as jovens a descreverem as feições dos homens de cada país que conheceram. Dessas conversas, surge “um entrelago de reticências e curiosidades malignas” que, por um lado, instigavam a imaginação da professora e, por outro, divertiam as meninas. O tom malicioso de suas falas se constitui a partir de frases incompletas ou pelas seguintes interjeições acrescentadas ao final dos discursos, “vous comprenez” (você entendem), “vous savez” (você sabem) e “n’est-ce pas?” (Não é?) (ANDRADE, 1999, p. 46). Se a linguagem estimulava os pensamentos “imorais” das alunas e da professora, as situações cotidianas presenciadas por elas contribuía, ainda mais, com a sua fértil imaginação. A simples observação de um casal de operários de mãos dadas, por exemplo, já era suficiente para atrair a atenção das jovens que, imediatamente, aborreciam Mademoiselle com curiosidades obscenas. Suas brincadeiras linguísticas se manifestam também em outra ocasião: num “cocktail” no Teatro Santa Helena promovido pelos chefes de um partido político. Acompanhando a matriarca da família, Dona Lúcia, Mademoiselle e as adolescentes passam todo o evento a conjecturar sobre as “imoralidades” que ocorreriam no porão do teatro.

A divertida noite com as jovens encoraja a educadora a vivenciar uma aventura amorosa. Já tarde da noite se despede das meninas e apanha o bonde “Angélica” que a levaria direto a sua pensão. Num súbito instante, decide desviar do seu caminho habitual e salta do bonde ainda na metade do trajeto. Da praça da Sé resolve ir caminhando até o largo Santa Cecília. Dali faltava apenas alguns metros para chegar a sua pensão. Ao invés de cruzar o largo pela frente, Mademoiselle escolhe atravessá-lo por detrás da igreja que existia ali. Assim que adentra ao trajeto “libidinoso”, seus desejos sexuais vão desaparecendo e a vergonha e o



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

medo tomam conta dela, principalmente, ao reparar que dois homens barbudos lhe seguiam. Não queria perder sua virgindade desse modo, logo apressa o passo para afugentar os homens que quase conseguem agarrá-la pelo pescoço. Apesar da idade e da falta de agilidade, se desvencilha deles e vira na esquina de sua casa, indo ao encontro do porteiro que conversava na calçada. Na porta de entrada da pensão, volta seu olhar para observar atentamente os rapazes que lhe perseguiram. Num último suspiro de alívio e raiva, a professora grita a eles, “Mer-ci pour votre bo-nne com-pa-gnie” (obrigado por sua boa companhia), entrega um níquel na mão de cada um e sobe as escadas chorando.

A frustração de Mademoiselle ao final do conto coloca em evidencia os profundos descompassos entre as vontades pessoais e as interdições impostas no meio urbano. São tensões que o autor explora na narrativa por meio da construção do cenário: ambiente noturno, festas e a Igreja de Santa Cecília;² como, do mesmo modo, na criação de situações que caracterizam o drama da personagem, tais quais as brincadeiras de “duplo sentido”, a observação das cenas cotidianas e as imaginações “pervertidas” de Mademoiselle. Seu desejo de experimentar uma aventura amorosa surge a partir dos trocadilhos linguísticos com as duas alunas. No entanto, ao almejar concretizar suas fantasias “imorais”, se depara com um ambiente hostil e vetado aos prazeres individuais.

Esta cidade imposta e vetada à Mademoiselle, que lhe provoca desejos íntimos, ao mesmo tempo em que os controla, não seria, ao meu ver, uma construção literária com a finalidade de compor o drama da personagem. Entendo que estas imagens de São Paulo guardam pontos em comum com a trajetória do literato e, sobretudo, com os saberes, debates e imaginários que circulavam no espaço urbano e foram (re)trabalhados por Mário ao longo dos anos. Tanto o conto da professora de francês quanto o do carregador de malas da Estação da Luz foram escritos no decorrer de décadas. Os primeiros esboços de “Primeiro de Maio” datam do ano de 1934, sendo finalizado somente oito anos depois, em 1942. A ideia do conto “Atrás da Catedral de Ruão”, por sua vez, surge após a viagem ao Amazonas, em 1927, onde Mário de Andrade conheceu uma professora de inglês de idade avançada, que lhe confessou ainda ser virgem (RABELLO, 1999, p. 104). A proposta do conto foi formulada no ano dessa viagem, no entanto, sua primeira versão escrita data de janeiro de 1943, a segunda versão de março de 1944, e a definitiva de julho deste mesmo ano (ANDRADE, 1999, p. 56).

O longo processo de escrita das narrativas assim como os anos que levaram para aprimorar as ideias iniciais até a “aparente” conclusão, visto que o autor morreu antes do

² Cabe lembrar que esta igreja também foi retratada no conto “Carmela” de Alcântara Machado (1927), como um lugar de “encontro às escondidas” de jovens casais.



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

término da obra³, tornaram-se importantes ferramentas para construção do formato do livro e, principalmente, para a criação imagética de São Paulo. Em quase duas décadas, período que marcou a confecção de “Primeiro de Maio” e “Atrás da Catedral de Ruão”, Mário de Andrade vivenciou diversos eventos políticos e alterações no cenário paulista. Importante ressaltar que não apenas presenciou tais transformações, o literato também participou, ativamente, dos debates artísticos, políticos e culturais, que ocorreram entre as décadas de 1920 e 1940 na cidade. Seu cargo de diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo ilustra um dos seus esforços profissionais na elaboração de projetos culturais voltados para a capital do estado. Conjuntamente com outros profissionais do órgão municipal e intelectuais influentes do cenário paulista, tais quais Sérgio Milliet, Rubens Borbas de Moraes, Fernando de Azevedo, Paulo Duarte e o então prefeito da cidade, Fábio Prado (1934-1938), Mário de Andrade viabilizou propostas de incentivo à cultura. Seus projetos propunham a criação de bibliotecas públicas, de preferência localizadas em bairros operários, para suprir a falta de leitura da população de baixa renda; a elaboração de atividades socioeducativas nos parques infantis, a divulgação de concertos musicais e espetáculos artísticos gratuitos; a construção de um estádio poliesportivo e, por fim, a formação de uma discoteca pública e de uma Rádio com o intuito de transmitir palestras científicas, discursos oficiais e notícias da prefeitura. Nem todas as atividades projetadas chegaram a sair do papel devido a curta duração da gestão do literato no Departamento e aos cortes orçamentários sofridos durante a administração de Prestes Maia (1938-1945).⁴

As atividades do Departamento de Cultura direcionavam-se para as populações carentes da capital, principalmente, os imigrantes e trabalhadores fabris moradores dos bairros operários que circundavam o centro da cidade, como o Brás, Mooca, Barra Funda, Bom Retiro, Pari, Lapa e Água Branca. A implantação dos parques infantis elucidava este enfoque dos projetos culturais do Departamento: suas sedes situavam-se no Parque D. Pedro II, próximo do Brás e da Mooca, bem como nos bairros do Ypiranga e da Lapa. A ideia formulada inicialmente pelo arquiteto-urbanista Luiz de Anhaia Mello, durante sua administração na prefeitura de São Paulo (1930-1931), foi retomada na direção de Mário de Andrade. Além da

³ Na “Nota da Edição de 1947” de *Contos Novos*, a editora explica que encontrou nos arquivos pessoais de Mário de Andrade, um esboço dos contos que contemplariam este livro intitulado, inicialmente, de “Contos Piores”. Nele, constava doze textos, dos quais oito foram assinalados como finalizados (“Vestida de Preto”, “O Ladrão”, “Primeiro de Maio”, “Por trás da Catedral de Ruão”, “O Poço”, “O Peru de Natal”, “Frederico Paciência” e “Tempo da Camisolinha”), um faltava realizar alguns ajustes (“Nelson”), e três seriam ainda escritos e, portanto, não foram incluídos nesta obra (“Educai vossos pais”, “Marcha Fúnebre” e “O Cego”).

⁴ Cabe destacar que logo após a nomeação de Prestes Maia para prefeito de São Paulo, Mário de Andrade foi exonerado do cargo de diretor do Departamento de Cultura.



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

construção de espaços de lazer nos bairros proletários, o literato e sua equipe almejavam promover atividades recreativas orientadas. Os parques contariam com a presença de educadores e assistentes médicos aptos a realizar brincadeiras, jogos educativos e esportivos, lições higiênicas e consultas médicas com o objetivo de desenvolver faculdades artísticas, morais e éticas nas crianças, principalmente, provenientes de lares insalubres e degradantes.⁵

As propostas do Departamento de Cultura direcionadas para a criação de espaços públicos que pudessem transmitir princípios éticos e condutas higiênicas, vão ao encontro dos debates sanitários desenvolvidos na cidade de São Paulo desde as primeiras décadas do século XX. A historiadora Maria Stella Bresciani, no artigo *Imagens de São Paulo: estética e cidadania* (1996) aponta que estes debates orientaram diversas propostas de intervenção na capital paulista. São projetos que visavam desde a reestruturação das habitações coletivas, garantindo moradias higiênicas, salubres e adequadas a formação moral dos cidadãos, até a regulação da localização dos equipamentos urbanos, tais quais escolas, comércios, mercados, indústrias, hospitais, cemitérios e matadouros, e a introdução de redes de esgoto e saneamento básico.

Os preceitos sanitários, ao mesmo tempo em que contribuem para as alterações no traçado urbano, inserem novas linguagens e conceitos técnicos às práticas cotidianas dos habitantes paulistas. Ao lado desse **discurso especializado** que direcionava sua atenção à saúde, aos hábitos morais e ao desenvolvimento dos equipamentos urbanos, outras frentes de leituras formaram-se na cidade. O artigo de Bresciani nos concede ainda pistas importantes para compreender os discursos que se constituem no cenário urbano tanto quanto interpõem-se as impressões dos moradores.

Se as propostas sanitárias propagavam um desejo comum dos seus percursos em inserir São Paulo num “projeto utópico da concepção moderna e universal d[e] cidade”, projeto que, conforme destaca a historiadora, não estava cristalizado, mas em constante

⁵ As preocupações de Fábio Prado e da equipe do Departamento de Cultura com a formação das crianças carentes acompanham os dados estáticos do crescimento populacional na cidade que passara de 528.295 habitantes em 1918 para 1.120.400 em 1935. (SOUZA, 2004, p. 520). Em pouco mais de vinte anos, a população paulista dobrara de tamanho, situação que colabora para a falta de moradia adequada aos seus habitantes, levando ao aumento do número de cortiços e habitações insalubres no perímetro urbano. A reportagem da revista *Serviço Social*, de 1940, alerta sobre a questão: “O problema da habitação é gravíssimo e afirmam muitos que nele está a gênese do delito [...] [o] estudo sobre os menores delinquentes, afirma que em muitos casos [...] a corrupção dos costumes e imoralidade têm, como colaboradora na causa, a má habitação [...] A insalubridade e a insuficiência da habitação e sua repercussão sobre a moral constituem problemas que urgem ser solucionados [...]. No inquérito em que estudamos a situação de 1.195 pessoas habitantes de 261 cortiços, encontramos em média, um problema de ordem moral para cada grupo de 2,7 casos. Os problemas específicos mais importantes são, em ordem de frequência: concubinado, abandono do lar pelo chefe, mãe solteira, separação de conjuges, menores pervertidos, alcoolismo [...]” (TELLES, 1940 apud PAOLI, M. e DUARTE, A., 2004, p. 70).



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

deslocamento de acordo com o momento político e os avanços científicos (BRESCIANI, 1996, p. 468); estes discursos nortearam, igualmente, os debates urbanísticos deste período. Com a proposta de eliminar o “par pobreza-doença”, binômio conhecido por meio dos processos de industrialização das cidades europeias no século XIX, médicos sanitaristas em conjunto com engenheiros-urbanistas formularam alternativas para evitar o crescimento desordenado de São Paulo. Bresciani localiza no relatório de Janice Theodoro da Silva apresentado à Câmara Municipal, em 1893, a indispensabilidade do gerenciamento dos processos urbanos. No documento, Silva destaca a necessidade “de definição de diretrizes para o crescimento da área urbanizada: preencher os vazios deixados por uma ocupação que privilegia as regiões altas e ocupar margens suburbanas da cidade. Previsão de arruamentos, de extensão de equipamentos urbanos, de canalização de rios e córregos, de drenagem do solo” (1996, p. 467). A partir deste relatório como também de relatos de viajantes, cronistas e memorialistas, a autora pontua a intersecção das regulações urbanísticas e sanitárias, com as noções estéticas, embelezamento e melhoramento⁶ na cidade: praças arborizadas, ruas alargadas, planas e com calçadas, iluminação à gás, introdução de transportes públicos como bondes e ônibus, etc. Campos disciplinares diversos que se aliam, portanto, a uma imagem “idealizada” de progresso (1996, p. 467-468).

A confiança no progresso por grande parte destes discursos e projetos urbanísticos possibilitará a elaboração de duas importantes imagens vinculadas à capital paulista na primeira metade do século XX: cidade marcada pelo rápido crescimento demográfico, espacial e econômico, e espaço urbano “descaracterizado”. A primeira concepção carregada de fortes apelos emocionais constrói a ideia de uma “nova e moderna” São Paulo. As imagens de uma cidade provinciana, de ciclo lento e repleta de tradições são atravessadas pelo

impacto da velocidade, a impor um ritmo que lhe vem de fora, a invasão se impõe entre as imagens da cidade como o do momento em que ela deixou-se levar pela voracidade dos tempos modernos, centro distribuidor de café, indústrias se instalando, imigrantes europeus formando o batalhão do trabalho, novas línguas, novos hábitos (BRESCIANI, 1996, p. 468, grifo do autor).

Em São Paulo, forma-se uma teia de conceitos, dados estatísticos e notícias jornalísticas que irão corroborar com a imagem da cidade “sempre em crescimento” e movida

⁶ Destaco para o entendimento do termo melhoramento, o artigo de Bresciani intitulado *Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos* (2001). Nele, a autora acompanha os usos do conceito nos planos de intervenção urbana formulados para a cidade de São Paulo, no período de 1850 a 1950.



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

pelo ritmo do trabalho. A segunda construção imagética se apoia, justamente, nestas assertivas: aumento populacional, extensa massa de imigrantes e alterações urbanas diárias, para associar a cidade à um espaço “descaracterizado”. Dito de outro modo, sentia-se que a capital paulista perdia sua identidade, sua originalidade, e também que os novos equipamentos e hábitos impostos à metrópole, assim como a constante presença de indivíduos de várias nacionalidades com suas línguas e costumes de origem, surpreendiam os habitantes locais. Nas palavras de Bresciani, “trata-se de uma cidade que não se identifica pela nacionalidade, da qual também desaparecem as características culturais e materiais acumuladas durante os três séculos anteriores” (1996, p. 468).

Em ambas as identidades elaboradas à São Paulo congregam-se, portanto, imigrantes, debates entre engenheiros-urbanistas, técnicas construtivas, concepções sanitárias, projetos políticos, desejos de modernizar, melhorar e expandir a cidade, e discursos nostálgicos. Imagens cuidadosamente tecidas e construídas, por exemplo, nas **produções literárias** de dois interlocutores de Mário de Andrade: Antônio de Alcântara Machado e Guilherme de Almeida. Nos contos de A. Machado reunidos no livro *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), identifica-se o entrelaçamento destes signos na composição de enredos que tem como cenário a capital paulista. Com a proposta de representar o dia-a-dia das famílias italianas que habitavam os bairros proletários anunciados no título da obra, suas pequenas crônicas reportavam desde casos de violência, atropelamentos, namoros escondidos, amores não correspondidos, atividades de lazer, até as tentativas de integração desta comunidade estrangeira na sociedade brasileira. São enredos que revelam os desajustes das personagens frente as novas demandas da metrópole: ruas que antes eram espaço de divertimento e brincadeiras, pouco a pouco, cediam lugar aos rápidos automóveis; a vida sossegada dos bairros confrontando-se com os novos hábitos urbanos, festas, bailes, passeios de automóveis e grandiosas partidas de futebol; ou ainda os pequenos comércios e mercearias que rendiam-se as diversas ofertas de produtos e ao trabalho acelerado das indústrias. Não ao acaso, as narrativas situam-se nos bairros do Brás, Bexiga e Barra Funda, regiões caracterizadas pela incidência de imigrantes italianos que trabalhavam nas fábricas locais.

Outro literato preocupado com as questões urbanas, é Guilherme de Almeida. Além das conhecidas crônicas reunidas na seção “Pela Cidade” (1927-1928) do jornal *Diário Nacional*, onde comentava sobre os problemas da capital paulista, Almeida escreveu uma série de reportagens na qual tece interessantes roteiros por São Paulo. Ao longo desses oito textos divulgados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1929 e cujo título era “*Cosmópolis*”, apresenta um perfil dos bairros e ruas paulistas de acordo com a nacionalidade dos seus habitantes: a



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

Mooca habitada pelos húngaros, as ruas Glória, Conselheiro Furtado e Conde de Sardas pelos japoneses, a rua José Paulino, no Bom Retiro, abrigava os comércios dos judeus, o Brás acomodava tanto os imigrantes italianos quanto os armazéns e barbearias dos espanhóis, na Vila Mariana e no Cambucy tinham-se os descendentes de portugueses, na rua Santa Ifigênia encontravam-se os bares alemães e, por fim, na rua 25 de março localizavam-se os comércios dos sírios, turcos, árabes e armênios. A cidade "cosmopolita" de Almeida, que restringe à cada região um grupo de estrangeiros com suas práticas, hábitos e atividades comerciais, aparece nos contos de Mário de Andrade mais permeável pelos conflitos e dramas das personagens como o caso de Mademoiselle.

O literato quando escreve suas narrativas capta as expressões desconfiadas, desajustadas e entusiasmadas dos habitantes paulistas frente ao desenvolvimento da sua cidade. Posições conflitantes expostas nos seus textos que, conforme vimos anteriormente, vão ao encontro de outros projetos políticos, culturais e urbanísticos em discussão desde as primeiras décadas do século XX na capital paulista. São eles, os projetos do Departamento de Cultura chefiado por Mário de Andrade que visavam *administrar, orientar e supervisionar* o lazer das crianças carentes bem como *instruir* os moradores paulistas com atividade esportivas, transmissões de rádio, espetáculos gratuitos, sessões de cinema educativo e publicações científicas da *Revista do Arquivo Municipal*, periódico vinculado a este órgão e dirigido pelo literato; e os planos de *intervenção* no traçado urbano, de *ordenamento* do crescimento ou ainda de *regulamentação* das moradias populares, do saneamento básico e também dos equipamentos urbanos. Formas de pensar e atuar na cidade que **se apoiam em**, como, do mesmo modo, **aliam-se na construção de** imagens da cidade relacionadas ao progresso, ao aumento demográfico, à expansão desordenada e à sua descaracterização.

As produções literárias selecionadas de Alcântara Machado, Guilherme de Almeida e Mário de Andrade, por sua vez, sintetizam e, sobretudo, personificam e espacializam estes discursos. É na voz de indivíduos de origem italiana e moradores do Brás, Bexiga ou da Barra Funda, nas descrições das práticas culturais de cada imigrante, ou nos desajustes emocionais de Mademoiselle que os literatos tornam sensível as disputas e negociações acerca dos imaginários da capital paulista. Em relação ao conto de Mário de Andrade, é visível seus esforços em construir por meio dos sentimentos da personagem a seguinte São Paulo: *interditada e acessível* aos prazeres, *controlada* a determinados indivíduos e *aberta* aos desejos íntimos, assim como *ordenada e desajustada* aos seus habitantes. O próximo conto, "Primeiro de Maio" também retrata esta cidade, agora, reconstituída a partir das frustrações de um carregador de malas que não consegue comemorar o dia do trabalho.



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

II

Enquanto Mademoiselle busca na cidade espaços para extravasar seus desejos retraídos, o carregador de malas do próximo conto traça outros percursos pela capital paulista que se relacionam com suas memórias afetivas, convicções políticas e o trabalho diário. “Primeiro de Maio” narra os esforços de 35, personagem principal, para comemorar o dia trabalhador. O carregador de malas acorda cedo e, rapidamente, pula da cama “bem disposto” e muito agitado para celebrar o seu dia. Toma banho e enquanto se barbeava lembra que leu nos jornais sobre a condição de vida precária dos proletários ao redor do mundo e também sobre os “grandes motins” esperados para esta data em Paris, Cuba, Chile e Madri. Como nos revela o narrador, 35 pouco compreendia do que lia: não sabia onde se localizava a cidade madrilena ou o país chileno, e se confundia por entre as reportagens que discutiam ora sobre o comunismo, ora sobre as ações da Rússia. O que desejava, certamente, era um “turumbamba”, ou melhor, uma grande confusão na qual pudesse aplicar um belo soco “nas fuças dum polícia”. A exaltação matinal em participar de uma ampla comemoração mundial e lutar ao lado dos companheiros, toma conta da personagem que escolhe seu melhor traje para a ocasião: uma “roupa preta de luxo” com uma gravata verde de listras brancas e sapatos amarelos. Sai de casa tão motivado pelo orgulho patriótico que não percebe as direções percorridas. 35 “foi andando depressa, assobiando. Mas parou de sopetão e se orientou assustado”, o trajeto das celebrações “não era aquele, aquele era o caminho do trabalho”, que o levaria a Estação da Luz (1999, p. 36).

O carregador de malas se assusta com o itinerário errôneo, mas também com o que encontra na cidade: ruas vazias, comércios fechados e a excessiva vigilância da polícia, que cercava as esquinas, bares, lojas, bancos e casas lotéricas. 35 sentiu muita raiva, principalmente ao imaginar que a polícia guardava os estabelecimentos comerciais com medo dos trabalhadores o saquearem. Nestas voltas pelo centro, como não achava nenhuma cafeteria aberta nem seus companheiros pela rua, decidiu que deveria parar em algum jardim da cidade para ler o jornal e elaborar a programação do dia. Antes que a personagem tomasse consciência dos caminhos que realizava até chegar ao ponto de parada, o narrador alerta os leitores para a repetição dos equívocos de 35:

Insensivelmente [...] foi se encaminhando de novo para os lados do Jardim da Luz. Eram os lados que ele conhecia, os lados em que trabalhava e se entendia mais. De repente lembrou que ali mesmo na cidade tinha banco mais perto, nos jardins do Anhangabaú. Mas o Jardim da Luz ele entendia mais. Imaginou que a preferência



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

vinha do Jardim da Luz ser mais bonito, estava celebrando. E continuou no passo de férias (ANDRADE, 1999, p. 36, grifos meus).

Se o carregador da Estação da Luz não consegue se desvencilhar dos trajetos percorridos diariamente entre a residência e o local do trabalho, o narrador reforça sua alienação, ao mostrar que quanto mais a personagem procurava locais para celebrar o primeiro de maio, mais se aproximava das atividades rotineiras vinculadas ao seu ofício. A função do narrador nestes contos é alvo das investigações de Ivone Daré Rabello, no livro *A Caminho do Encontro: uma leitura de Contos Novos* (1999). Além do narrador ser responsável por revelar as atividades e os conflitos profissionais de 35, elucida seus desejos íntimos, enganos imperceptíveis e erros “ingênuos”; ou seja, as dimensões subjetivas de uma personagem sem nome, apenas identificada pela função que exerce. O narrador, na leitura de Rabello, se aproxima do protagonista a fim de lhe oferecer uma identidade, “buscando o instante em que o 35 se torne sujeito de sua história” (1999, p. 67). Esta procura pela essência do trabalhador sem personalidade desvendará, conforme veremos, um sujeito muito menos autônomo e dono das suas vontades, do que repleto de frustrações com suas convicções políticas, carregado por lembranças nostálgicas e enclausurado a sua rotina e aos fluxos urbanos.

Os incômodos sofridos pela personagem se intensificam ao longo do conto, principalmente em decorrência das comemorações do primeiro de maio ou a falta delas em São Paulo. As alegrias matinais de 35, no decorrer do dia, são, pouco a pouco, transformadas em constrangimentos e decepções. Sua escolha de sentar-se no Jardim da Luz, ao invés de seguir para outro parque da cidade, já seria suficiente para lhe provocar pequenos transtornos, como os causados pelos seus colegas da Estação que não aderiram ao dia de folga. Ao perceberem que 35 cruzava o local de trabalho em direção ao Jardim, põem-se a “caçar” dele, despertando-lhe grande “mal estar” e “arrepentimentos”. Com passos rápidos e largos, escapa das brincadeiras dos companheiros e procura no jardim algum lugar tranquilo e distante da visão deles para folhear o jornal. No periódico, havia desde reportagens que elogiavam os “operários da nação” até notícias desagradáveis sobre a fiscalização da polícia paulista que “proibira comícios na rua e passeatas”.

35 não queria participar de eventos que fossem em lugares fechados e vigiados pela polícia, preferiria, conforme conjectura, reunir seus companheiros para queimar alguns dos locais significativos da capital como o Palácio das Indústrias, a igreja São Bento, onde lembra de ter concluído a primeira comunhão, e o Palácio do Governo, administrado por um “general da Região Militar” gaúcho. Mesmo sem ter nenhum ressentimento pela perda de São Paulo na



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

“revolução de 32”, concordara, na sua imaginação, em atear fogo no Palácio assim como no “general gaúcho”. Seus fluxos de pensamento interrompem-se com a percepção de que os esforços pessoais em prol de motivações políticas não valeriam a pena (1999, p. 37-38). Prefere continuar com os planos iniciais de comemorar pacificamente o dia do trabalhador e, dessa forma, parte em direção a Estação do Norte, “a estação rival”, para recepcionar os deputados trabalhistas que chegariam às nove horas. Corre para pegar o primeiro bonde que seguiria para o Brás, mas “ao passar pelo Palácio das Indústrias, o relógio da torre indicava nove e dez”. Pensou que o “trem da Central” poderia atrasar e assim conseguiria acompanhar o final da chegada, já que o seu bonde percorria aquele trajeto em poucos minutos. Com receio de não chegar a tempo, desiste de participar dos eventos matinais e opta por retornar a sua casa e, depois do almoço, seguir direto para o grande comício que acontecia no Parque D. Pedro II.

Logo após a refeição, encaminha-se imediatamente para o Palácio das Indústrias, não queria perder outra atividade comemorativa. No entorno do edifício à espera do comício, já se reuniam diversos trabalhadores agitados que “vagueavam, por ali, indecisos” e “conversando baixo, com melancolia de conspiração” (1999, p. 39-40). Enquanto aguardava o evento, 35 encontra o 486, seu “quase amigo, que policiava na Estação da Luz” e aparentava ter virtuosas convicções políticas, ou melhor, pensava ser anarquista, mas, como constata a personagem, era um grande “covarde”. Após breves palavras, ambos os colegas decidem percorrer o parque para observar as movimentações dos trabalhadores. Neste percurso, o carregador de malas descobre que o comício dos deputados, na verdade, seria no interior do Palácio da Indústrias, cujas entradas e saídas eram vigiadas por policiais, cavalarias e homens “à paisana”. Situação que lhe desagrada e, sobretudo, lhe provoca cóleras: estava “com ódio do 486, com ódio do primeiro de maio, [e] quase [que] com ódio de viver”. Desmotivado com as comemorações e com o desânimo dos outros companheiros, aproveita da distração do 486 para partir dali rumo ao lugar mais distante que conseguisse ir (1999, p.41).

Suas caminhadas aleatórias o levam ao largo da Sé, onde permanece horas sentado “diz-que olhando a multidão”, os transeuntes apressados e as belas mulheres que o recordavam da “moça do apartamento” pela qual era apaixonado. Ao final da tarde, 35 resolve voltar para casa e passa, outra vez, em frente à Estação da Luz. No momento em que atravessava o local de trabalho, um trem carregado de passageiros acabara de chegar e o seu colega idoso, o 22, punha-se a descarregar as bagagens. Com pena do companheiro que haveria de carregar malas tão pesadas, desvia de seu trajeto inicial e vai ao encontro dele. Mal se cumprimentam e 35 já se apressa para pegar as maiores malas deixadas por uma família



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

na calçada do edifício. Segurando o máximo de bagagens que conseguiam, os dois colegas terminam o longo dia à caminhar alegremente pelas passarelas da Estação.

As comemorações do primeiro de maio provocam reações inusitadas na personagem, que anteriormente não percebia as adversidades e os contrastes do espaço urbano. O ato de sair de casa à procura de manifestações é desconfortante para 35 que além de encontrar ruas, avenidas, praças e parques vazios, controlados pela polícia e interditados a determinados tipos de comemorações, descobre sua alienação em relação a cidade. Seus trajetos refazem inconscientemente os caminhos percorridos diariamente rumo ao trabalho assim como cruzam com lugares que lhe remetem a memórias afetivas. São percursos habituais e que, no momento de descontração da personagem, revelam a incompatibilidade entre suas motivações políticas e pessoais, e a cidade "real" a qual inibe desejos individuais, práticas sociais e reuniões de trabalhadores diversos. A incansável busca pelas celebrações do primeiro de maio e pela identificação com outros companheiros conduz o protagonista a situações incomodas. Apenas se sente alegre na presença do velho amigo 22, com a lembrança da "moça do apartamento", exercendo seu ofício de carregador de malas ou ainda, em lugares conhecidos e vivenciados cotidianamente como a Igreja São Bento e a Estação e o Jardim da Luz. 35 vive, se locomove e reconhece os espaços urbanos a partir da função que exerce, e a simples mudança desta rotina já lhe causa estranhamentos.

As experiências e tensões urbanas vivenciadas pela personagem de *Contos Novos* me recordam dos **relatos memorialísticos** recolhidos por Ecléia Bosi no livro *Memória e Sociedade* (1994). Dos oitos depoimentos de antigos moradores da cidade de São de Paulo, destaco o do Sr. Amadeu em decorrência da estreita relação entre a sua profissão, trabalhador de uma oficina de gravura, e sua história de vida. A trajetória pessoal de Amadeu poderia ser resumida na última frase do seu relato: "Sonho, às vezes, que estou trabalhando na oficina porque fiquei 44 anos nessa oficina, sempre, desde menino, na infância, na mocidade e numa parte da velhice. Essa oficina não me sai do pensamento" (BOSI, 1994, p. 153). A função exercida durante grande parte de sua vida marca a sequência de fatos narrados no depoimento pessoal, tais quais a formação escolar, o casamento, o nascimento das filhas e os lazeres praticados. Os estudos no famoso e renomado Liceu de Artes e Ofícios da capital paulista, por exemplo, foi incentivado pela oficina para que trabalhasse numa seção mais qualificada como a de desenho e gravura. Lembra também das reformas trabalhistas do governo de Getúlio Vargas, na década de 1930, que garantiram férias aos trabalhadores. Mudanças legislativas que coincidiram com o seu casamento em 1937, momento em que pode solicitar as primeiras férias. Os benefícios do seu ofício foram conquistados, conforme



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

relembra, por meio das lutas dos trabalhadores e das intensas manifestações do primeiro de maio, que aconteciam com mais frequência nos tempos de sua juventude. Antes da existência de sindicatos, Sr. Amadeu recorda-se que para garantir assistência médica, medicamentos a preços baixos e atendimento hospitalar teve que se associar a sociedade beneficente, Classes Laboriosas; associação que, inclusive, deu suporte a sua esposa durante a gravidez da primeira filha, em 1938. Seu ofício nesta fábrica localizada no Brás, permitiu ainda acompanhar as transformações raciais e étnicas no quadro de funcionários. Inicialmente, tinha como colegas de trabalho descendentes de imigrantes italianos e espanhóis, situação que se altera após a Segunda Guerra Mundial, quando houve o aumento de empregados negros e nordestinos. Em especial, estes últimos eram vistos com “maus olhos” por Amadeu que lamenta o desinteresse deles pelas atividades da fábrica. Ao seu ver, pretendiam somente juntar dinheiro e retornar ao local de origem.

O relato do Sr. Amadeu intercala fatos políticos e eventos históricos às suas atividades na oficina. Suas percepções das mudanças que ocorreram na capital paulista como a implantação de leis trabalhistas, as conquistas dos movimentos operários e os fluxos de imigração e migração, se constroem a partir do seu local de trabalho. Amadeu observa tais transformações de *dentro* da oficina, ou seja, no convívio diário com os companheiros de várias nacionalidades, nos aprendizados do ofício e nas alterações da rotina e do ritmo de trabalho. Sua história e como a relata à Ecléa Bosi me aproxima das tramas ficcionais das personagens de *Contos Novos*. Tanto Mademoiselle quanto 35 se relacionam com outros indivíduos e espaços a partir do lugar que ocupam: professora de francês de meia idade, solteira e sozinha, de um lado, e trabalhador assíduo da Estação da Luz, sem muitos amigos e amante da “moça do apartamento”, do outro. Suas interações com mundo exterior, em particular, com a cidade de São Paulo, vão ao encontro das suas práticas diárias ou vontades. Mademoiselle, 35 ou ainda Sr. Amadeu desenham uma cidade intimamente vinculada às suas memórias, convicções políticas e desejos pessoais. Vivências individuais, contudo, que sugerem formas semelhantes de captar a cidade.

III

Na primeira parte do texto, acompanhei como as imagens de São Paulo recriadas no conto “Atrás da Catedral de Ruão” estão intrinsecamente relacionadas aos debates políticos, culturais e urbanísticos que ocorriam na cidade ao longo das primeiras décadas do século XX. Caminho semelhante percorri com o conto “Primeiro de Maio”, porém apresentei a produção



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

literária em diálogo com um relato memorialístico a fim de reiterar que os escritos de Mário de Andrade sintetizam os discursos e imaginários sobre São Paulo, como também formulam imagens, metáforas, expectativas e desejos dos habitantes paulistas sobre a sua cidade.

Não seria demasiado recorrer mais uma vez ao final desse artigo ao texto de Camilotti e Naxara. Ainda instigada pelas suas análises que se debruçam sobre a utilização do “literário” na construção do conhecimento histórico, me chama a atenção a escolha dos historiadores pela fonte literária para se aproximarem de um período histórico ou tema. Dito de outro modo, me indago qual seria a particularidade dos escritos ficcionais em relação a outras fontes que permitem seus usos nos mais variados estudos? Sua singularidade, conforme recupero de ambas as historiadoras, poderia decorrer dos recursos racionais – técnicas de retórica, figuras de linguagem e conhecimentos - dos quais se valem para convencer os leitores, como também dos usos de sentimentos, imaginações e paixões (CAMILOTTI e NAXARA, 2009, p.42). Pelas lentes da literatura se aliarão, portanto, técnicas narrativas à emoções, de modo a construir tensões, aproximações e distanciamentos entre o fato narrado e seu espectador. Nesse sentido, ao estudar os dois contos de Mário de Andrade que desenham a capital paulista pelas vivências e anseios das personagens, procurei realçar as finas películas de saberes, conhecimentos e paixões articuladas na construção de símbolos identitários da cidade de São Paulo, os quais perduram até hoje.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Os contos de Belazarte**. São Paulo: Martins Editora; Brasília: INL, 1972

ANDRADE, Mário de. **De Paulicéia Desvairada a Café** (poesias completas). São Paulo: Círculo do Livro, 1986



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1999

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988

BOTELHO, André. **De olho em Mário de Andrade**: uma descoberta intelectual e sentimental do Brasil. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012

BRESCIANI, Maria Stella. Imagens de São Paulo: estética e cidadania. In: **Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 1996, p. 465-474. Disponível online em:

<<http://www.unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/452/428>>.

Acessado em 17 jan. 2017

BRESCIANI, Maria Stella. Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950). In: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Palavras da cidade**. Porto Alegre-RS: Ed. Universidades/UFRGS, 2001

BRESCIANI, Maria Stella. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org.). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 115-145

BOSI, Écleia. **Memória e Sociedade**: lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CAMILOTTI, Virgínia e NAXARA, Márcia R. C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, jan./jun. 2009, p. 15-49

CAUQUELIN, Anne. **Essai de philosophie urbaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1982

JARDIM, Eduardo. **Mário de Andrade**: Eu sou trezentos: vida e obra. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8648574

LOPEZ, Telê A. Um contista bem contado. In: LOPEZ, Telê A. **Mariodeandradiano**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p. 85-92

PAULILLO, Maria C. de A. Contos da Plenitude. In: ANDRADE, Mário. **Contos Novos**. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1999, p.9-16

PAOLI, Maria C. e DUARTE, Adriano. São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade. In: PORTA, Paula (Org.) **História da Cidade de São Paulo**, V.3: a cidade na primeira metade do Século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 53-99

RABELLO, Ivone Daré. **A caminho do Encontro**: uma leitura de *Contos Novos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999

SCHPUN, Monica. Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade). In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 46, 2003, p. 11-36

SOUZA, Maria A. A. Metrôpole e paisagem caminhos e descaminhos da urbanização. In: PORTA, Paula (Org.) **História da Cidade de São Paulo**, V.3: a cidade na primeira metade do Século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 517-553